

O DIA QUE O MUNDO NÃO ACABOU *AINDA*

por Antonio Carlos de Andrade¹

Hoje, 4 de outubro de 2008, estive o mundo capitalista à beira de seu fim. Caso a Câmara de Representantes do EUA rejeitasse mais uma vez o Plano Paulson (Henry Paulson, secretário de Tesouro americano), haveria uma verdadeira quebra de bancos, financeiras e empresas americanas com conseqüências por demais conhecidas pelos historiadores econômicos do mundo inteiro. Foram cerca de 850 bilhões de dólares que serão usados para a compra dos títulos podres espalhados pelo sistema financeiro americano, europeu e asiático. Não se tem notícias de nenhum deles por aqui no país.

Basta lembrar-se do que aconteceu em 24.10.1929, quando a Bolsa de Nova Iorque quebrou e o tesouro americano e o federal reserve nada fizeram e deixaram a economia americana ao “deus dará”. Naquela época, mais de 15 milhões de americanos perderam seus empregos, mais de 5 mil bancos faliram, cerca de 90 mil empresas faliram.

Só para o leitor ter uma pequena idéia do que vem por aí na economia americana, basta citar que somente no mês de setembro foram perdidos quase 200 mil empregos, números somente iguais há cinco anos, antes da grande mobilização para a Guerra com o Iraque.

No Brasil de 1929, o estrago na economia foi enorme, uma vez que três partes da economia do país dependia do café. De cada 4 empregados, três estavam ligados a economia cafeeira. O governo federal a fim de amenizar a crise interna adquiriu a maioria das safras para mandar destruir mais de 80 milhões de saca de café com o intuito de diminuir os estoques numa tentativa de manter os preços do mesmo que só caía pela falta de demanda externa. No mundo todo se viu a destruição de bens: no Canadá, o trigo; nos EUA, algodão, e em outros países capitalistas também se verificou essa tentativa de se manter os preços com a redução dos estoques.

Fica claro para todo mundo agora que risco sistêmico, que em finanças significa o risco que não pode ser reduzido por meio da diversificação da exposição, isto é, quando ocorre uma quebra de uma instituição financeira, a sua falência pode

provocar um efeito dominó, jogando por terra, prejuízo por todo o sistema bancário.

O que pode acontecer com a economia brasileira, a grande pergunta que se houve por toda parte? Em primeiro lugar, o trem que conduzia o “espetáculo do crescimento” vai reduzir sua velocidade para não sair dos trilhos. Os preços das principais commodities que o país exporta tais como: minério de ferro; grãos, carnes, dentre outras, deverão ter seus preços reduzidos por conta da queda de atividades no resto do mundo. Queda nos preços externos e também na demanda, significa aumento da oferta interna, principalmente de alimentos com a conseqüência na redução nos seus preços. Em segundo lugar vendendo menos e a preços mais baixos as empresas nacionais devem ter lucros menores e devem também empregar menos. Em terceiro lugar, o nosso trem deve andar mais devagar e o crescimento da economia deve-se situar entre 3 a 4 por cento do PIB. De volta, o “vão da galinha”.

E o que fazer? Políticas Públicas combinados com Investimentos Públicos: dar continuidade ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento); aumentar a oferta de crédito para as empresas exportadoras (gastar parte dos 200 bilhões de dólares de reservas que rendem pouco mais de 4% ao ano); manter a política monetária do Banco Central, porém sem causar anorexia a economia brasileira; diminuir a depósito compulsório para que os grandes bancos possam adquirir as carteiras de créditos dos pequenos bancos (os mais afetados com o aperto da falta de crédito). Qualquer 2 ou 3 pontos percentuais acima da meta de inflação não vai matar ninguém e pode manter um crescimento da economia a um ritmo abaixo dos 5,5%, previstos para esse ano, mas a uma taxa de apenas 30% menor no ano que vem. Existem alguns críticos dizendo que essa ajuda do tesouro americano não vai resolver nada. Quanto a isso o melhor é aguardar alguns dias, talvez semanas.

¹ Professor Adjunto do DECON-UFPI, Doutor em História Econômica/USP.